

REGRAS DE BEM VIVER

Juselice Alves Alencar

Universidade Federal de Sergipe - UFS

RESUMO

Este artigo tem por objetivo analisar o sentido de prescrições médicas a respeito da educação feminina em teses escritas e defendidas por médicos da Faculdade de Medicina da Bahia, na segunda metade do século XIX. Para tanto, as fontes manipuladas foram 12 teses médicas do período de 1851 a 1898 identificadas, selecionadas, coletadas e analisadas, do acervo da Biblioteca Gonçalo Moniz / Memória da Saúde Brasileira/ Faculdade de Medicina da Bahia / UFBA, especialmente aquelas que construíram um discurso em torno da educação das mulheres que resultou em prescrições higiênicas de comportamento, higiene da gravidez e do casamento, amamentação, cuidados com a saúde, para mães e esposas, o artigo discorre sobre as regras prescritas pelos médicos higienistas da Faculdade de Medicina da Bahia, de maneira que o comportamento da mulher se enquadra dentro dos preceitos legais da higiene nos mais variados ambientes sociais frequentados por elas, dialogando com normas rígidas, porém de importância capital para as famílias de melhores poderes econômicos do Brasil imperial. Para compreender os discursos nas teses médicas, utilizo a abordagem historiográfica de Roger Chartier (1990,1991,1992) a respeito das representações. Desta forma, o interesse é o estudo das representações sobre educação feminina nessas teses e da noção de representação para compreender como em cada época se tecem as relações sociais. Como resultado de pesquisa documental, ficou evidenciado que a inserção dos médicos no ambiente das famílias da segunda metade do século XIX, no Brasil, passou a ter um papel de fundamental importância na modificação dos hábitos da sociedade e de interventores nos problemas de ordem social, agindo como construtores de uma nova nação pensada cientificamente, e, portanto, passiva dos preceitos e das normas médicas. Gondra (2004, p. 49) diz que “a medicina buscou, no século XIX, ocupar um lugar central no seio da sociedade, com vistas a projetar seus princípios e métodos”. Passa, desta forma, a exercer um papel social, transformando-se em vigilante do comportamento de toda a sociedade e com foco na vida privada das mulheres.

Palavras-chave: Mulheres. Prescrições Médicas. Teses Doutorais

Considerações iniciais

Os médicos da Faculdade de Medicina da Bahia passam a ter um papel de fundamental importância na modificação dos hábitos da sociedade e de interventores nos problemas de ordem social, agindo como construtores de uma nova nação pensada cientificamente e, portanto, passiva dos preceitos e das normas médicas. Gondra (2004, p. 49) diz que “a medicina buscou, no século XIX, ocupar um lugar central no seio da sociedade, com vistas a projetar seus princípios e métodos”. Passa, dessa forma, a exercer um papel social, transformando-se em vigilante do comportamento de toda a sociedade e com foco na vida privada das mulheres.

O médico Manoel Ludgero Campos (1873) apresenta exemplos desta inferência quando critica o comportamento da sociedade que indiretamente influencia o das mulheres e seus hábitos sociais. “Também a própria sociedade, até certo ponto, torna-se cúmplice das tendências orgânicas que apresentam os indivíduos, em consequência da direção que ela pode imprimir às suas faculdades, principalmente no sexo feminino, de sua natureza impressionável” (CAMPOS, 1873. p. 38).

Higiene no período da gravidez

Das teses pesquisadas, três delas versam sobre o tema da higiene na gravidez; o primeiro médico, Elpídio Joaquim Barauna, descreve sobre questões que vão do ar que a mulher deveria respirar ao estado moral que a mulher grávida deveria assumir. Da mesma forma, o médico Segismundo Garcez de Mendonça, que escreveu sobre o aborto, apresenta os vários tipos de causas, a frequência com que ocorre, etc., no entanto, aponta situações em que as mulheres são indicadas como responsáveis por tais atitudes: “as mulheres que habitam as montanhas estão sujeitas ao abortamento” ou “quando a mulher está completamente desenvolvida, pode procriar; os casamentos contraídos fora desta época são seguidos de abortamento”. (MENDONÇA, 1882, p. 6).

O médico Rosalino Rego, ao escrever sobre a esterilidade feminina, na introdução da sua tese, comenta que o assunto que escolheu para dissertar “é de magna importância social e médica”, e de maior profundidade científica, e que assim escreverá para o bem da humanidade, porém ao reconhecer as várias causas aponta como sendo “a causa importantíssima” o uso do adereço conhecido como espartilho (REGO, 1896, p. 44).

Elpídio Joaquim Baraúna, médico que escreveu sua tese em 1868, e demais médicos analisados por meio das teses, traçaram uma linha de comportamentos considerados nocivos

durante o período da gravidez, e prescreveram várias proibições que vão da influência da luz, dos banhos, das bebidas ingeridas, da secreção mamária, dos exercícios físicos, da vida sexual, do repouso, até do estado moral da mulher, durante o período da gestação.

A prescrição do médico para as mulheres grávidas soava quase como uma sentença condenatória. Do comportamento da mulher e da maneira de cuidar da sua higiene pessoal dependeria a vida do seu filho. De acordo com Baraúna (1868, p. 3), “a mulher neste estado use de todas as precauções, que a higiene ensina para preservar-se de uma multidão de moléstias, que contraem só por uma cruel incúria ou fatal imprudência”.

Para Barauna (1868), a mulher durante a gravidez devia observar e se afastar de tudo que podia “perturbá-la”, para assim evitar que o sistema nervoso ficasse abalado e repercutir no nascimento de uma criança doente; devendo afastar-se de espetáculos que sejam trágicos e de fazer leituras que apresentem aventuras “indiscretas” para não abalar a alma ou perturbar a sua sanidade. Segundo o mesmo autor, a mulher zelosa do seu estado moral não deveria expor o sistema nervoso a fortes emoções ou a abalos violentos que pudessem “excitar paixões ou emoções, como a cólera, a aflição, o ruído violento, a explosão de uma arma de fogo, o tocar do sino anunciador da morte, a imoderada alegria, a saudade, perda de um objeto querido”. (BARAUNA, 1868, p. 14). Enfim, a mulher durante a gravidez, segundo as prescrições do médico, só deveria desfrutar de situações em que as emoções não fossem abaladas e ainda entender e aceitar o seu estado moral e físico. Segundo ainda o Dr. Barauna (1868) as orientações no que diz respeito ao banho da mulher no período da gravidez, devem ser observados alguns critérios, pois, segundo este autor, existe a necessidade do asseio, no entanto, o banho não deve ser tomado abusivamente e, quando sair dele, deve imediatamente se envolver em tecidos que deem dupla proteção, “a de opor-se às alternativas do ar, e de prevenir o resfriamento”. (BARAUNA, 1868, p. 9).

Assim, para o banho das grávidas, o médico indica várias prescrições, não deve ser muito frio, dado que pode causar várias reações que “contraem os tecidos do corpo”; os banhos de mar também não são bem indicados, pois “acometem alterações no corpo em que a percussão das vagas suscita novo estímulo”. Os banhos mornos podem “causar edemas, portanto são contraindicados” e desaconselhados pelo médico (BARAUNA, 1868).

Em sua tese, intitulada *Da esterilidade da mulher*, o médico Rosalino Rego (1896) defende que ao homem cabe a missão de humanizar, fecundar e nivelar a terra, de torná-la habitável, de fazer da terra um caminho, uma cidade, um campo com habitações e monumentos sob o seu domínio; ao homem é dado o mais alto grau, a condição de se relacionar com todas as coisas do mundo, as grandes concepções, os grandes trabalhos, vida moral, física e

intelectual, a força muscular em toda a sua extensão, e “pertence mais particularmente à mulher a missão de povoá-la, fornecendo, procriando indefinidamente filhos, para conservar a espécie”. (REGO, 1896, p. 13).

E segue na defesa de seu ponto de vista: “A mulher está reservada uma vida mais restrita, menos arrojada, num círculo menos vasto”. (REGO, 1896, p. 13). No entanto, o médico Segismundo Garcez de Mendonça (1882) defende o banho frio como tratamento profilático às mulheres nervosas e histéricas, como prevenção do aborto, pois “As mulheres nervosas sujeitas a espasmos, cólicas uterinas, acessos de histeria, os quais podem provocar as contrações uterina e hemorragias [...] recomendam-se as distrações, os exercícios moderados, o uso dos banhos frios, como meio profilático”. (MENDONÇA, 1882, p. 19).

E segundo Michelle Perrot, o século XIX equilibra racionalmente esta divisão entre os sexos; homem e mulher têm função, papéis, tarefas, espaços bem definidos, e quase predeterminados, existindo até uma linguagem específica para o trabalho de cada um, “ao homem, a madeira e os metais. À mulher, a família e os tecidos”. (PERROT, 1988, p. 178).

No *Código do bom tom ou Regras de civilidade* (1875), o seu autor também traz orientações de como deverá ser o banho das “filhas”.

Os banhos de todo o corpo fazem uma parte do asseio, porém, a não te serem ordenados por facultativo, basta que tomes um cada mês, e que não sejam longos. Fica mal a uma menina o gosto de se estabelecer no fundo de uma banheira horas esquecidas: esta moleza e ociosidade nem quadra aos seus verdes anos, nem é propicia a sua saúde. (ROQUETTE, 1875, p. 288).

Outro ponto divergente entre o Dr. Mendonça (1882) e o Dr. Barauna (1868) diz respeito a determinadas práticas de exercícios. O primeiro defende os exercícios como profilaxia ao aborto e o segundo alerta para o perigo de praticar a dança, e aconselha somente o exercício do passeio a pé com o amanhecer, ou ao cair da tarde, ou de carro, pois “é um excelente conselho que a higiene não cessa de prodigar” (BARAUNA, 1868, p. 12).

Ainda em sua tese, *Higiene da mulher em estado de gravidez*, o Dr. Elpídio Barauna (1868) recomenda a forma como deve ser o sono, o repouso, ou o descanso das grávidas, e se opõe que a mulher amamente durante a gravidez. O repouso da mulher em estado de gravidez, segundo a recomendação do Dr. Barauna, terá de ser segundo a natureza, ou seja, durante o dia o sono é pouco profundo e não contribui com o descanso; aconselha que o repouso seja feito somente durante a noite, porém alerta sobre o tempo de sono, o que pode prejudicar a saúde, deixa claramente expresso como a grávida deve proceder para repousar.

As alternativas de vigília, e do sono sejam em tempo oportuno marcadas pela natureza. Durante o dia, os órgãos dos sentidos são expostos à muitas impressões, que tornarão o sono pouco profundo, e pouco reparador das forças. A noite destinada ao repouso, a ele convida pela tranquilidade: porém não deve o sono ser prolongado em demasia. O abuso pelo calor do leito, pôde motivar suores debilitantes, retroagias, e outros acidentes. (BARAUNA, 1868, p. 13).

Desta maneira, o autor da tese prescrevia as orientações persuadindo “a mulher zelosa de si, e deveres maternais”. Barauna (1868) aconselhava-a a privar-se dos seus desejos, que abdicasse de atitude permissiva e ainda se mantivesse longe de tudo aquilo que porventura pudesse afetar a saúde da criança que estava sendo gerada, a exemplo do que se encontra escrito nas páginas 12 e 13 da tese, em epígrafe sobre a abstinência sexual prescrita pela medicina higienista às mulheres grávidas. Assim se posiciona o médico:

Conhecida a prenhes, deve haver severa continência nos prazeres do Himênio, ou grande moderação: assim pensava Zachias, e Levret observa como causa de muitos abortos as aproximações sexuais, porque são sempre acompanhadas de agitações, movimentos convulsivos, e irritação no útero [...] Platão julgava homicídio, pela desordem, que produzem em todo o organismo os êxtases de voluptuosidade. O coito, diz Jacquemier, é uma causa frequente de aborto durante os três, ou quatro primeiros meses da prenhes, sobretudo nas recém-casadas [...] se a mulher, porém for predisposta ao aborto, deverá abster-se cuidadosamente em toda época. (BARAUNA, 1868, p. 12-13).

Assim, os discursos médicos aprofundam os estudos sobre a natureza feminina, na tentativa de dar uma justificativa positiva para a situação da mulher na sociedade; todas as teses tentam tornar o argumento irrefutável, o que demonstra uma clara perspectiva de manter a mulher num determinado lugar social.

A escolha da ama de leite

Outro assunto bastante discutido entre os médicos nas teses inaugurais era sobre a escolha da ama de leite, prática comum na elite imperial que se estendeu até o início do século XX; sem, no entanto, deixar de se registrar que a defesa dos médicos higienistas era a própria mãe ser a responsável pela amamentação do filho. E o Dr. Júlio Pereira Leite evidencia o seu ponto de vista, com relação ao assunto: “Fatos desta natureza nos levam a aconselhar todas as tentativas racionais de aleitamento materno, principalmente quando a mulher manifesta a firme resolução de amamentar o seu filho”. (LEITE, 1893, p. 19).

Os médicos da Faculdade de Medicina da Bahia se dedicaram ao tema com afínco e na defesa da amamentação pela mãe biológica, no entanto não deixaram de prescrever como fazer

a devida escolha da ama de leite, quando da impossibilidade dessa mãe amamentar, bem como indicar os devidos cuidados que teriam de ser seguidos quando essas amamentassem.

Júlio Pereira Leite (1893) se diz contrário à relação sexual quando a mulher está amamentando, visto que “tem uma influência nociva sobre o aleitamento”, e sobre a mulher estar menstruada assim afirma: “a menstruação não é uma condição favorável ao aleitamento” (LEITE, 1893, p. 28).

Pedro de Barros Albernaz (1898), ao defender o aleitamento materno, ressalta que este “deve ser largamente aconselhado não só do ponto de vista da moral como da higiene”. A médica Laura Amalia de Souza Bahiense (1898) aconselha como deve ser a aparência da ama de leite: “bom que a ama de leite tenha uma bela aparência e uma fisionomia que agrade, porém, reunidas a estas qualidades, uma boa saúde e constituição e que estejam de acordo com os caracteres exteriores”.

Com relação a esse tema, nas prescrições da Dr.^a Laura Amália de Souza Bahiense, na sua tese, escrita em 1898, *Da alimentação das crianças na primeira infância*, vê-se as instruções bem delineadas, o que as mães devem observar antes de contratar a ama de leite, quando por qualquer circunstância a mãe não puder amamentar. “As amas de leite podem ser de duas categorias, umas vêm amamentar as crianças em casa da própria mãe, e outras em sua própria casa (amas a distância). Entre nós, porém, só se usa das da primeira categoria”. (BAHIENSE, 1898, p. 36). Fica evidenciado para quem eram dirigidos os cuidados e o discurso médico, que classe social era o alvo das prescrições médicas. As mulheres pobres e sem recursos ou posses não recebiam atenção da ciência médica do século XIX. Nota-se, na escrita da tese da médica Laura Amália, a quem as mães devem buscar para receber as orientações necessárias quando da procura por uma ama de leite. “Ordinariamente são os médicos consultados nas escolhas das amas de leite, e estes devem procurar dar de um modo seguro a sua opinião acerca da sua boa ou má qualidade.” (BAHIENSE, 1898, p. 37).

A Dr.^a Bahiense (1898) segue com as recomendações para a escolha da ama de leite alertando que é muito dificultoso e não é fácil achar as qualidades necessárias e essenciais na ama de leite; quando, segundo a doutora, não é adequada a escolha baseando-se somente no preço, e sem observar as qualidades essenciais. Deixa claramente explícita as suas posições:

A escolha de uma ama de leite é muitas vezes difícil, e nada é tão raro como encontrar-se nas amas que se oferecem para preencher esta importante função, condições e garantias que se devem exigir. A dificuldade é ainda aumentada pelas falsas ideias que tem muitas mães, que ligam mais importância ao preço e as qualidades acessórias, do que as qualidades essenciais que devem ter as amas. (BAHIENSE, 1898, p. 36).

Ainda, a médica Laura Amália Bahiense (1898) assevera que se faz necessária uma avaliação criteriosa dessas senhoras, uma vez que as doenças que acaso essa mulher (a ama) traga não serão facilmente percebidas, podendo ocultar doenças hereditárias, e não ser totalmente visível, o que poderá acarretar prejuízos e provocar doenças na criança. (BAHIENSE, 1898, p. 37).

Nota-se, no discurso da médica higienista, certa preocupação com as senhoras amas de leite, quando se diz favorável em dar um tempo para essas mulheres poderem amamentar seus próprios filhos, para daí terem a condição emocional de amamentar outras crianças, além do tempo para se recuperarem do parto. “É preciso também dar-lhes tempo para se restabelecerem do parto, e no fim de um mês ou seis semanas, ainda não estão em estado de suportarem as fadigas, de sua nova condição” (BAHIENSE, 1898, p. 38). Descreve o tempo ideal para contratar uma ama, girando em torno dos quatro a seis meses após o parto dessa mulher, demonstrando respeito pela condição da mulher que vende o seu leite, “se apoia ao menos em um sentimento de humanidade e muito respeitável, pois que quase todas a amas de leite nutrem os seus próprios filhos, tomando outros para criarem” (BAHIENSE, 1898, p. 38).

Outra advertência da médica gira em torno da idade do leite, ou seja, a idade da ama, ou o tempo que ela tem de parida para assim estar apta a amamentar outras crianças. Segue apontando que a idade adequada do leite será aquela que se aproxima da data do parto; bem como um tempo distante do parto da ama não é apropriado, haja vista a possibilidade de o leite secar antes do tempo. E ainda segundo a autora: “As amas que já têm, por exemplo, dez meses a um ano de parida não devem ser tomadas para amamentarem um recém-nascido, pois achamos que o leite não é mais nesta época tanto apropriado”. (BAHIENSE, 1898, p. 38).

Bahiense (1898) ainda se posiciona com relação à idade da ama de leite, levando em consideração o parâmetro de faixa etária entre os 18 e 34 anos. “As de dezoito a trinta e quatro anos estão nas melhores condições possíveis; muito moças, não têm adquirido todas as suas forças, e nas [sic] de mais trinta e quatro anos é raro achar-se uma que seja boa, porque, em geral sendo pobres, sujeitam-se a trabalhos forçados que se esgotam”. (BAHIENSE, 1898, p. 39).

O médico Pedro de Barros Albernaz, na sua tese inaugural de 1898, intitulada *Primeira infância (higiene e aleitamento)*, corrobora com o pensamento da sua colega Laura Amália Bahiense, quando discrimina o passo a passo cuidadoso para se efetuar a contratação da ama de leite. A saúde física, segundo o médico, deve ser escrutinada com atenção. Defende que os antecedentes hereditários devem ser rigorosamente levantados e interrogados, para descobrir se

essas mulheres já sofreram de tuberculose, sífilis, ou de loucura (ALBERNAZ, 1898, p. 51). E finalmente serão examinados os seios das amas, “por serem a parte mais importante nesse caso; seu volume, conformação do mamilo, desenvolvimento da glândula, quantidade de leite, etc.” (ALBERNAZ, 1898, p. 52).

Ao descrever o biótipo da ama de leite, o médico pontua que deve ser “sadia, vigorosa e sanguínea” (ALBERNAZ, 1898, p. 40). Os filhos da ama, segundo esse médico, também teriam de passar por uma rigorosa avaliação, “o filho da ama será completamente despido e examinado, sobretudo no nível gênio-anal para ver se há sinal de má digestão, ou traços de sífilis”. (ALBERNAZ, 1898, p. 52).

Nota-se uma resistência, no discurso do médico em epígrafe, na aceitação das amas de leite, quando levanta inúmeras situações e possibilidades que podem dificultar o trabalho dessas mulheres, além de sugerir os perigos, que não serão raros e podem ter consequências funestas, que mães e filhos podem ser acometidos ao se dispor a ter uma ama de leite, denotando sutilmente um certo grau de preconceito para com as mulheres livres e pobres. Pontua o médico:

Outras vezes ainda a criança apresenta as melhores condições de vida e desenvolvimento, o organismo da mulher adapta-se perfeitamente ao aleitamento, porém, a sua ambição, a sua falta de educação, ou outra qualquer coisa, lhe surgem imposições que coloca os pais da criança em difíceis conjunturas [...] não há outro meio a seguir senão mudar de ama. (ALBERNAZ, 1898, p. 53).

Até como as amas de leite deveriam carregar as crianças no colo, o médico pontua na sua tese, criticando o modo das amas carregarem os bebês, indicando que a maneira correta seria com eles deitados nos braços, devendo ser totalmente abolida a maneira como as amas carregavam as crianças, abraçadas com as pernas à sua cintura: “sentada sobre os braços, a criança fica bem segura e agasalhada pela ama e sujeita a uma ginástica que não fatiga” (LEITE, 1893, p. 19).

O médico Júlio Pereira Leite relata, em sua tese escrita em 1893, como as amas de leite não deveriam carregar as crianças no colo; o que leva a crer que o costume também foi transmitido como herança cultural das primeiras amas de leite, as índias nativas.

É perceptível, no discurso médico higienista das teses aqui analisadas, um rigoroso controle da vida privada da mulher branca dos grupos sociais mais favorecidos economicamente, restringindo-a à função social de educadora dos filhos, formadora dos futuros cidadãos, responsável pela formação de base moral da família, pois, segundo Rousseau (1995), “a educação primeira é a que mais importa, e essa primeira educação cabe incontestavelmente às mulheres”. A confusão existente entre a vida privada e a vida pública, a ausência de

percepção que ambas precisariam conviver separadamente, e as condições que eram impostas às mulheres para o desfrute da sua privacidade foi o que levou à prática da “manipulação daqueles que dão a ler a ordem social”. (CHARTIER, 1990, p. 111).

Cuidados com a prole

Outra preocupação que se fazia presente nos discursos dos médicos higienistas dos anos oitocentos era demonstrada em torno da alimentação das mães e como estas deveriam amamentar os seus filhos.

Barauna (1868) afirma que a alimentação das mulheres grávidas deve evitar as comidas preparadas com muita quantidade de adubos que são difíceis de digerir, assim como aquelas que causam flatulência; bem como devem se limitar ao necessário e não julgar-se na condição de comer por dois; em consequência a mulher não deve se privar de alimentação adequada sob o risco de tornar-se fraca, sendo a má alimentação uma das causas do aborto, “tornando a mulher magra, inanida, e extremamente apática, e por conseguinte lhe causaria os mais cruéis sofrimentos” (BARAUNA, 1868, p. 10). O médico tece, no seu discurso, elogios à instituição católica, enaltecendo o cuidado dispensando às mulheres no que diz respeito ao jejum: “e a Igreja Católica incessantemente zelosa da prosperidade de seu povo, isentou dos jejuns a mulher enquanto grávida”. (BARAUNA, 1868, p. 10).

Na mesma tese, Barauna (1868) dedica um estudo que leva o subtítulo de *Perversão da fome*, para falar sobre os desejos patológicos das grávidas de comer determinadas substâncias estranhas: “mulheres há, que desejam comer substâncias, que não são nutritivas, e que são desusadas como alimento, bem como terra, giz, carvão, cacos de quartinha¹”. Segue exortando sobre como proceder diante de tal situação: “Nem sempre estes desejos devem ser satisfeitos, porque o uso deles sendo prolongado, pode ter mau resultado, em razão da quantidade, e da natureza das substâncias, que têm sido introduzidas no estomago”. (BARAUNA, 1868, p. 10).

Prossegue o Dr. Elpídio Barauna indicando sobre a bebida mais adequada para elas. Recomenda que “a água pura, e de boa qualidade é a melhor, por isso é preferível”; aconselhando que “o vinho generoso em dose moderada, e ocasião oportuna estimula o estômago, concorre para a boa digestão, sustenta as forças”; alerta para o perigo que podem ocasionar “os licores alcoólicos, e fermentados são sempre perigosos: aumentam

¹ Espécie de jarro com tampa feito com barro molhado que serve para fazer moringa (vaso) para guardar água fresca. A quartinha para o credo umbandista serve para abrigar fundamentos do orixá ou entidade de uma pessoa. (CHAVES, 2019).

instantaneamente a irritabilidade, produzem ao depois langor, e podem ocasionar perdas, e aborto” (BARAUNA, 1868 p. 10).

Segundo o médico, as mulheres nervosas devem praticar a abstinência dos chás quentes, devendo evitá-los, para assim não ficarem zangadas ou bravas. “As infusões quentes têm o duplo inconveniente de excitar a ação do sistema nervoso, e de induzir os órgãos gástricos à debilidade. As mulheres prenhes as devem evitar, principalmente aquelas, que tem a susceptibilidade nervosa muito exaltada”. (BARAUNA, 1868, p. 11). Adverte o médico da mesma forma para as bebidas muito frias, que podem prejudicá-las, e o seu efeito pode até provocar o aborto: “As preparações feitas com gelo, lhes são nocivas, ocasionam não raras vezes cólicas violentas, e aborto” (BARAUNA, 1868, p. 11).

O médico Segismundo Garcez de Mendonça (1882, p. 19), ao prescrever o tratamento profilático contra o aborto, “recomenda o vinho quinado, os ferruginosos, alimentação nutritiva, os exercícios, etc.”. Percebe-se que os médicos concordam em relação ao uso do vinho nas suas prescrições para as mulheres em estado de gravidez.

Manoel Ludgero Campos (1873) defende o seu ponto de vista sobre a questão da alimentação e das bebidas como meios de tratamento que devem ser empregados no combate às doenças. E aponta para o tipo de alimentação e bebida mais condizente para um regime saudável, indicado para os temperamentos considerados nervosos, os alimentos essencialmente nitrogenados, os “vinhos generosos devem ser administrados com o fim de restaurar e refazer as poucas forças da natureza”, e uma alimentação abundante é a mais poderosa influência sobre a organização, podendo modificar os temperamentos de maneira notável (CAMPOS, 1873, p. 39).

De acordo com a análise das teses em epígrafe, os seus autores defendiam que a alimentação da criança recém-nascida deveria ter sempre como primeira opção a amamentação, como já discutido aqui.

No entanto, não era comum o aleitamento materno, levantam-se várias hipóteses para esta questão, desde o desconhecimento que a amamentação é primordial para a saúde do bebê, até o fato dos casamentos acontecerem muito cedo, o que dificultava o processo de amamentar, visto a pouca idade da mulher. E ainda, conforme Costa (1979, p. 256), somente a partir do momento que a vida da criança dos grupos sociais mais favorecidos economicamente passou a ter importância no século XIX, o aleitamento materno ganha força e passa a ser discutido como assunto público nacional.

Nas Cartas para a educação de Cora, segundo Reis (2000), o médico Lino Coutinho deixa as orientações, os cuidados, e os deveres para com a amamentação, assim as prescrições

seguem como obrigação que a filha deveria cumprir, e não reproduzir o comportamento de mulheres mundanas que de alguma forma se deixavam levar pela vaidade, “dada a luz a seus filhos, deveria recolher-se ao leito, e não consentir que a apertassem logo e estreitamente o ventre, como fazem muitas mulheres caprichosas com o receio de ficarem barrigudas”. E ainda deixou escrito que a filha deveria sustentar e nutrir com o próprio leite os primeiros meses de vida de seus filhos, como fazem as fêmeas de todos os animais mamíferos (REIS, 2000, p. 185).

Mesmo posicionamento e defesa do aleitamento materno tiveram os médicos que estudaram na Faculdade de Medicina da Bahia. As prescrições para a vida privada e social se mantinham independentes do ano em que esses discursos se apresentavam nas teses pesquisadas, representando um pensamento único de uma categoria profissional que passa a ter um papel de fundamental importância na modificação dos hábitos da sociedade e de interventores nos problemas de ordem social, agindo como construtores de uma nova nação pensada cientificamente, e, portanto, passiva dos preceitos e das normas médicas. Segundo Gondra (2004), “a medicina buscou, no século XIX, ocupar um lugar central no seio da sociedade, com vistas a projetar seus princípios e métodos” (GONDRA, 2004, p. 49).

Perscrutaram a vida particular do feminino, como o médico Elpídio Joaquim Barauna, na sua tese escrita em 1868: “pelo que aconselhamos a mulher, que não resida, ou permaneça por muito tempo em lugares inteiramente privados de luz” ou “[...] um ar perfeitamente puro deve ser para a mulher da mais absoluta necessidade” (BARAUNA, 1868, p. 6); e ainda quando aconselha sobre como deve ser o descanso delas: “[...], porém não deve o sono ser prolongado em demasia” (BARAUNA, 1868, p. 13).

Assim também faz o médico Manoel Ludgero de Oliveira Campos, na sua tese escrita em 1873: “[...] assim pois, os vestidos representam uma ordem de modificadores, cuja influência se estende sobre todos os aparelhos do organismo” (CAMPOS, 1873, p. 40). E o médico Segismundo Garcez de Mendonça, na sua tese escrita em 1882: “[...] as mulheres que vivem na ociosidade, as que se dão aos prazeres venéreos, as que se entregam a leitura de romances, as que frequentam muito os bailes, os teatros” (MENDONÇA, 1882, p. 5).

Invadiram a vida particular do feminino, como a médica Laura Amalia de Souza Bahiense, na sua tese escrita em 1898: “[...] logo, porém, que a mulher possa sentar-se dará o seio colocando-o transversalmente” (BAHIENSE, 1898, p. 35), exercendo, deste modo, autoridade sobre a outra mulher, mesmo que limitada em detrimento de outras mulheres (CHARTIER, 1992, p. 47).

Na tese *Primeira infância (higiene e aleitamento)* de 1898, o médico Pedro de Barros Albernaz apresenta os três de tipos de aleitamento: o aleitamento natural, misto e o artificial, e define cada tipo:

Aleitamento natural ou feito pela mulher será materno ou por uma ama. O artificial será direto quando a criança receber o leite do peito de um animal; indireto quando lhe for administrado por meio de uma mamadeira, colher, etc. O misto, aquele em que a criança participa dos dois procedimentos enumerados (ALBERNAZ, 1898, p. 23).

Segue descrevendo os tipos de mulheres que são impossibilitadas de amamentar: “umas tornam-se incapazes de lactação pela herança, pela morada constante nas grandes cidades, pelo abuso de prazeres mundanos e pela fadiga que as acompanham, por uma cultura intelectual e artística intensivas” (ALBERNAZ, 1898, p. 40).

Albernaz (1898) cita exemplos de comportamentos e hábitos sociais que são prejudiciais para a mulher que estiver amamentando, ocasionando assim a perda temporária ou definitiva da secreção láctea, “as fadigas que ocasionam a vida mundana, o teatro, os bailes, etc, são incompatíveis com um bom aleitamento” (ALBERNAZ, 1898, p. 48).

Nota-se que o objetivo dos médicos, aqui analisados por meio de suas teses, era difundir representações carregadas de críticas às mulheres que porventura relegassem a segundo plano seu dever de mãe e enquadrá-las em modelos de mães e mulheres amorosas e fiéis.

Considerações finais

Os hábitos ou costumes sociais das mulheres são apontados como causadores de doenças ou moléstias, e os médicos não se furtaram nas suas dissertações de dar destaque a tal opinião.

Constata-se que a gravidez para a mulher dos anos oitocentos não era somente um estado biológico de conceber a vida, estava antes condicionada à responsabilidade de assumir a missão de procriar filhos saudáveis, atribuindo-se a elas o importante papel de oferecer à sociedade homens e mulheres que pudessem preservar a espécie humana. E as mulheres brancas dos grupos sociais mais favorecidos economicamente da corte imperial, seguindo esses preceitos médicos, poderiam, além de desfrutar de uma boa saúde, ser reconhecidas pelos seus pares, dialogando com o que nos diz Chartier (1990, p. 93): “[...] a corte como uma sociedade, isto é, como uma formação social onde se definem de maneira específica as relações existentes entre o sujeitos e onde as dependências recíprocas que ligam os indivíduos uns aos outros engendram

códigos e comportamentos originais”. Assim, quem não se adaptasse ao discurso vigente e fosse de encontro às normas médicas higienistas, poderia não ser socialmente bem-aceito.

As prescrições do discurso médico contido nas teses refletiam a consolidação do pensamento higienista, segundo a concepção científica do século XIX, ainda que com contradições e reguladas fortemente pela moral cristã.

Segundo Badinter (1985), o esperado para as sinhozinhas dos grupos sociais mais favorecidos economicamente, nesse quartel do século XIX, era de ser uma boa mulher para o marido, ser mãe zelosa de seus filhos e senhoras de sua família e seus escravos; demonstrando, assim, o quanto ser devidamente “bem casada”, cuidar para ter filhos saudáveis, etc., despertava o poder de mando sobre essas mulheres. Desta forma, mesmo existindo contradições, divergências ou diferenças nos discursos médicos, não havia posições contrárias que pudessem abalar o que já se tinha como verdade absoluta, assim “amar e cuidar dos filhos tornou-se um trabalho mais precisamente científico”. (COSTA, 1979, p. 15).

De fato, as prescrições da medicina do século XIX, em torno da vida das mulheres, apresentavam-se como normas diagnósticas para serem seguidas e atendidas.

REFERÊNCIAS

ALBERNAZ, P. de B. **Primeira Infância (higiene e aleitamento)**. Bahia: Typografia e Encadernação do Diário da Bahia, 1898.

BAHIENSE, L. A. de S. **Da alimentação da criança na 1ª infância**. Bahia: Imprensa Moderna Prudencio de Carvalho, 1898.

BARAUNA, E. J. **Higiene da mulher em estado de gravidez**. Bahia: Typografia. Conservadora, 1868.

BADINTER, E. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1985.

CHARTIER, R. **A história cultural: entre práticas e representações**. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHARTIER, R. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, Rio de Janeiro, n. 11, v. 5, 1991.

CHARTIER, R. Diferenças entre os sexos e dominação simbólica. Artigo publicado na **Revista Annales**. p. 37-47, Cadernos Pagu. Tradução de Sheila Schvarzman-IFCH- Unicamp.1992.

CHAVES, G. S. V. **Territórios religiosos: Etnografia da Casa Omolocô – Dourados MS**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal da Grande Dourados, 2019.

CAMPOS, M. L. de O. **Em que consistem os temperamentos?** Bahia. Typografia do Diário. 1873.

COSTA, J. F. **Ordem médica e norma familiar.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

GONDRA, J. G. **Artes de civilizar:** medicina, higiene e educação escolar na Corte Imperial. Rio de Janeiro. EdUERJ, 2004. 562p.

LEITE, J. P. **1ª Infância- Higiene e aleitamento.** Bahia. Litho-Typografia V. Oliveira & C. 1893.

MENDONÇA, S. G. **Abortamento.** Bahia. Typografia Constitucional de França e Guerra. 1882.

PERROT, M. **Os excluídos da história.** Operários, mulheres e prisioneiros. Tradução Denise Bottmann. 5ª Reimpressão. PAZ E TERRA, 1988.

REGO, R. **Da esterilidade na mulher.** Bahia. 1896.

REIS, A. D. **Cora:** lições de comportamento feminino na Bahia do século XIX. Salvador: FCJA; Centro de Estudos Baianos da UFBA, 2000.

ROUSSEAU, J. J. **Emílio ou Da Educação.** Tradução: Sérgio Milliet. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 1995.

ROQUETTE, J. I. **Código do bom tom ou regras da civilidade e de bem viver no século XIX.** Paris: Vª J. P.AILLAUD. GUILLARD E C. livreiros de suas majestades o Imperador do Brasil e El-Rei de Portugal, 1875.